AG 3.2.4.2.16

MOMENTO POLITICO

O SR. ELOY CHAVES E OS FUNCCIONARIOS DAS FERROVIAS

Trava-se, no momento, em nosso Estado, uma luta politica que, se nos não empolga pelos ideaes que representa, nos dá, ao menos, um signal de vida, que, não sendo tudo, é já uma razão de esperança de novas coisas em novos horizontes. Nem tudo o que é novo é bom; mas, se o presente não nos agrada "in totum", só do que está por vir podem alimentar-se as nossas illusões. E virá um bem? Virá um mal?

Talvez nem uma coisa nem outra, e tudo fique como agora, ou como sempre. A atmosphera politica tolda-se de poeira, mas não se lobriga nella uma bandeira em que se leiam principios bem definidos e alevantados, que nos incitem ao sacrificio de a defendermos com ardor. Em qualquer dos arraiaes em que ora se peleja o objectivo da luta é, mais ou menos, o mesmo. De parte a parte os anhelos se confundem: de um lado o temor de descer, de outro lado a vontade de subir. Dahi o serem, para nós, da mesma côr as flammulas que hoje tremulam nos dois campos oppostos. Variam, talvez, apenas os processos do ataque ou da defesa. Mas isto ainda é, para effeito do nosso enthusiasmo, coisa de pouca monta. A razão de ser destas linhas não é, portanto, a politica, em que nos não immiscuimos hontem, e não nos immiscuiremos ainda hoje. O nosso caso é absolutamente pessoal, e refere-se tão só ao sr. Eloy Chaves, a quem os empregados das estradas de ferro devem, em massa, a lei substantiva que regula os seus mais legitimos e mais altos interesses.

Seria uma ignominia da classe não relembrar, agora, o muito, o tudo que esta lhe deve. Nós que, por duas vezes, já o fizemos, quando sua exa. estava nas boas graças dos poderes constituidos do Estado, uma das quaes em presença de auditorio impressionante pelo seu numero e pelo vigor dos seus applausos, não poderiamos faltar agora, está visto, sem vilipendio a nós mesmos, para repetil-o em publico, não só com o mesmo desassombro, mas, sobretudo, com a mesma gratidão.

Não se tem noticia, dentro de qualquer paiz, de força productiva mais poderosa e de mais facil arregimentação que a dos ferroviarios. Em suas mãos repousa a possibilidade dos transportes, das communicações telegraphicas, numa palavra, o progresso e a riqueza do Estado.

E, comquanto assim seja, incontestavelmente assim seja, viveram elles por mais de meio seculo, da absoluta indifferença dos poderes publicos, sem o minimo gesto de revolta ou de simples má vontade. Nada havia, em lei, que regulasse os seus interesses de funccionarios, nada que garantisse, ao menos, a continuação do seu labor honesto, nada que lhes protegesse, ao acabar a vida, a prole humilde que ficasse.

E tudo isto veiu um dia para os desherdados mourejadores das estradas de ferro, veiu hontem pela iniciativa do sr. Eloy Chaves, pelo seu esforço, pela sua palavra na Camara Federal, triumphante de toda a indifferença que encontrou aqui e lá, vencedora de todos os obices que se lhe oppuzeram, lá e aqui.

Sem cogitarem, portanto, os funccionarios das nossas estradas da razão, ou simples motivo, que levou a digna commissão directora do partido republicano paulista a excluir da chapa official o nome do sr. Eloy Chaves, só se devem elles, só nos devemos nós preoccupar, no momento, com ser elle, não obstante, candidato á deputação federal, nas proximas eleições, com o ser o bemfeitor da poderosa classe [illegible] ser ainda o mesmo digno cidadão brasileiro que, ainda hontem, no mesmo posto cuja continuação deseja, não outorgou as mais justas e ambicionadas regalias.

Posta a questão neste pé, razões não ha para que nos não alheemos, em absoluto, de tudo o mais que constitue a agitação politica do instante. Com esta nada temos que ver, e em relação a esta só nos cumpre ter o necessario animo e a precisa firmeza de caracter para bem cumprirmos um dever de coração, sem condescender ou tergiversar.

Quanto a nós, vamos, pois, irrevogavelmente, proceder assim.

*

As estradas de ferro não têm ainda uma arregimentação para as lutas eleitoraes. Fomos, portanto, apanhados de surpreza. E, em taes conjunturas, o que nos cumpre é tão somente dar o nosso voto ao sr. Eloy Chaves. Isto não quer dizer, entretanto, que, daqui por diante, devamos permanecer na mesma indifferença e na mesma apathia. Não.

A esse proposito, não será demais, repetir o que, a 21 de Abril de 1923, expendemos em discurso proferido em Jundiahy, a uma multidão de funccionarios das estradas, em que se faziam representar todos os seus mais altos departamentos. Foi com a palavra dada pelo sr. senador Lacerda Franco, que assim nos manifestamos:

> "Não percamos tempo; aproveitemos, um a um, todos os elementos dispersos; cumpramos o nosso dever de cidadãos, que não é incompativel com os nossos deveres de funccionarios; entrelacemo-nos por meio de um partido, elejamos os nossos cabos de guerra, fundemos as nossas casernas, e installemos aqui mesmo, o nosso quartel general. Mobilisemos o nosso exercito, armemol-o com a espada do voto para o torneio das urnas. Façamos sentir o nosso peso na balança das deliberações publicas, sejamos uma agremiação civilisada e culta e, acima de tudo, tenhamos fé nas decisões da maioria, da maioria verdadeira e honesta. Mantenhamo-nos pacificos em nossas casas, mantenhamo-nos ordeiros em nossas tendas, mantenhamo-nos assiduos ao nosso trabalho, mantenhamo-nos dignos aqui dentro, para que possamos ser fortes e respeitados lá fóra, no torvelinho das grandes lutas.
>
> Não ha nisto um conselho de indisciplina, não ha nisto um querer implantar a desordem nos meios ferroviarios, não ha nisto um desejar a subversão dos sentimentos; ha apenas o anhelo de que sejamos brasileiros, de que nos confundamos com o povo, de que nos integremos na sociedade, de que participemos das responsabilidades geraes, de que collaboremos nas deliberações de que dependem os destinos da patria. Assignemos, agora, em espirito, para a consecução desta idéa, um pacto de honra; a propria data que hoje se commemora relembra um ideal que se cumpriu, e assignala um sacrificio, perpetuado na poeira de ouro de dois seculos. Vale bem por um estimulo!"

De um modo particular, em relação ao momento, pensamos aquillo. De um modo geral, quanto ao futuro, pensamos isto.

Em boa consciencia, gregos e troyanos nos hão de dar razão. E' um caso em que ninguem tem o direito de intervir, nem, dignamente de pedir.

ARISTEO SEIXAS.

(Transcripto da "Folha da Noite", de hontem).